

Tales Faria

O povo não é conservador, e nem é liberal

Neste caso da megaoperação policial nos complexos do Alemão e da Penha, muitos analistas atribuíram o aumento das taxas de aprovação do governador Cláudio Castro (PL), detectado nas pesquisas, ao fato de a opinião pública ser favorável à tese "bandido bom é bandido morto".

Em suma: o povão seria conservador e, por isso, defenderia ações violentas como a da semana passada.

No entanto, a Pesquisa Quaest divulgada nesta segunda-feira (3) aponta que o tema "bandido bom é bandido morto" divide opiniões da população. Perguntados explicitamente se concordam ou não com esta frase, somente a metade (51%) dos entrevistados apoiam a tese.

De fato, o olhar mais aprofundado nos dados da pesquisa leva à conclusão de que a população não é tão favorável quanto se imagina a teses conservadoras radicais.

Por exemplo: só 24% dos entrevistados apoiam a facilitação da compra (ou do acesso) a armas de fogo, enquanto 72% se manifestaram contra a tese defendida no Congresso pela Bancada da Baía. Já houve até um plebiscito sobre isso e a maioria da população brasileira votou pelo desarmamento.

Ainda na pesquisa Quaest, 52% se disseram favoráveis à Proposta de Emenda

Constitucional da Segurança Pública, a chamada PEC da Segurança, que clareia e redefine o papel das polícias estaduais e da Polícia Federal.

A direita radical e os governadores mais conservadores têm se manifestado contra a PEC. O PL do ex-presidente Jair Bolsonaro já avisou, inclusive, que irá boicotar a tramitação.

Em discordância com a chamada ultradireita, 80 em cada 100 entrevistados disseram que os responsáveis pelo poder das facções "estão nos bairros ricos, não nas favelas". 77% responderam que as facções só controlam o Rio de Janeiro porque "as autoridades não fazem nada", e 82% afirmam que os líderes das facções "ajudam a eleger deputados".

A coluna perguntou ao CEO da Quaest, Felipe Nunes, se essas opiniões, digamos pouco conservadoras, mais liberais, expressas na pesquisa não são incoerentes com o crescimento da popularidade do governador Cláudio Castro após a dura ação da polícia nos complexos do Alemão e da Penha.

Professor da FGV, PhD em Ciência Política e mestre em Estatística ele respondeu: "Claro que não. A aprovação do governador era de 43% e chegou a 53%, praticamente o mesmo percentual dos que acreditam, por exemplo, que

bandido bom é bandido morto (51%). Ou seja, o governador pode ter crescido até onde podia."

É uma possibilidade que não deixa Cláudio Castro infeliz. Afinal, se chegar à eleição em outubro de 2026 com 53% de apoio, ele estará eleito senador. A pesquisa mostra que a operação provocou uma mudança significativa na avaliação do trabalho do governo do estado na segurança pública: avaliação positiva passou de 22% para 39% entre agosto e outubro.

Mas os entrevistados cobram mais segurança. E acreditam que uma operação de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), que permite atuação das Forças Armadas, poderia diminuir a criminalidade. Vale ressaltar que já houve 22 GLOs no Rio de Janeiro. Ouvidos pela Quaest, 59% defendem que o governo federal deve decretar a GLO nos moldes do que ocorreu em 2018.

Hoje, nem o próprio então ministro da Segurança, Raul Jungmann, que atuou na decretação da GLO, defende que ela seja instaurada novamente.

Enfim, não dá para enquadrar o eleitor em uma visão de mundo homogênea. E o certo ontem pode ser errado hoje. Ou vice-versa.

EDITORIAL

O Norte como vitrine global

Nunca o Norte do país esteve tão visível e valorizado quanto agora, às vésperas da COP30. A escolha de Belém, no Pará, como sede da conferência do clima das Nações Unidas representa um marco histórico para o Brasil e um ponto de virada para a Amazônia. Pela primeira vez, o principal debate mundial sobre o futuro do planeta será realizado no coração da floresta, em meio às águas e às comunidades que sempre foram citadas, mas raramente ouvidas. A Amazônia deixa de ser cenário para se tornar protagonista. O Brasil, ao colocá-la no centro da agenda global, assume o papel de porta-voz da urgência climática e da esperança de um novo modelo de desenvolvimento.

A COP30 em Belém é o reconhecimento da importância da Amazônia como reguladora do clima e guardião da biodiversidade. É também uma reparação simbólica a uma região que, por muito tempo, foi tratada como periférica nas decisões nacionais. O Norte se vê finalmente como vitrine, não apenas por sua beleza natural, mas por sua relevância estratégica. É ali que se discutem os rumos da economia verde, da bioeconomia e das novas tecnologias sustentáveis. A floresta deixa de ser um espaço distante e passa a ser o centro de decisões que afetam o planeta.

A COP30 em Belém é o reconhecimento da importância da Amazônia como reguladora do clima e guardião da biodiversidade. É também uma reparação simbólica a uma região que, por muito tempo, foi tratada como periférica nas decisões nacionais. O Norte se vê finalmente como vitrine, não apenas por sua beleza natural, mas por sua relevância estratégica. É ali que se discutem os rumos da economia verde, da bioeconomia e das novas tecnologias sustentáveis. A floresta deixa de ser um espaço distante e passa a ser o centro de decisões que afetam o planeta.

Os impactos econômicos já se fazem sentir. A preparação para a COP30 está movimentando a infraestrutura, o turismo e o comércio regional. Belém vive uma transformação que inclui o aumento da malha aérea, novos voos, ampliação de hotéis e modernização urbana. O aeroporto se adapta para receber delegações de todos os continentes,

Receitas de bolo

De vez em quando, o Brasil encontra jeitos peculiares de comunicar o que não pode ser dito. Durante os anos mais duros da Ditadura Militar, quando a tesoura da censura cortava notícias inteiras, o país descobriu um recurso improvável para denunciar o silêncio imposto: receitas de bolo. Sim, bolos de fubá, bombons caseiros, às vezes até instruções incompletas. Não havia nada de gastrônomico ali. Era resistência.

Bastava abrir o jornal para notar o disparate. Entre matérias burocráticas e notas sobre eventos comuns, surgiam instruções culinárias com duas colheres de... nada. Ou pedindo um quilo de sal (algo que deveria ser, propositalmente, intragável).

Não era um desvio editorial, era um aviso: algo que deveria estar ali, não está mais. Foi tirado. Aquela receita era o fantasma de uma informação arrancada.

Essas inserções culinárias tornaram-se símbolos involuntários de criatividade contra a repressão. Não era uma nostalgia açucarada. Muitas tratavam de mortes suspeitas, tortura, in-

vestigações abafadas. E ali estava o bolo, ocupando o espaço da verdade. A receita não alimentava; denunciava.

A ironia é que alguns leitores tentavam preparar os bolos. Reclamavam que não davam certo. O objetivo não era adorar o dia, e sim azedar a censura. Era o jornal acenando ao leitor: "Há algo que você precisa saber, mas não nos deixam contar". As instruções continham pedidos desproporcionais de propósito

(como 1kg de açúcar) para que o leitor percebesse a estranheza.

Cada redação inventava seu próprio código. Poemas renascentistas, páginas sem título, melodias de "Strangers In The Night" de Frank Sinatra para avisar da chegada de um censor.

O Brasil sempre foi especialista em empurrar limites; e, naqueles anos, fez isso em silêncio.

Hoje, lembrar essas receitas é recusar que o passado seja suavizado. A censura pode mudar de nome, de forma ou de justificativa. Mas enquanto houver alguém tentando calar, haverá alguém disposto a transformar até um bolo em grito.

Thaís Oliveira*

Bom mesmo é ser oposição

Lula adora o Vieira".

A verdade é que, enquanto Ciro Nogueira (PI) dizia ser constrangedor para o PP participar do governo Lula, um terrâneo dele ganhava R\$ 40 mil por mês neste mesmo governo Lula, como assessor do presidente da Caixa.

Mas isso é para peixe pequeno. São tantos cargos no banco que o centrão pode se dar ao luxo de ficar mais de ano com uma ou outra vice-presidência vaga. A VP de Governo, historicamente cobiçada, ficou exatamente um ano e quatro meses. A de Agente Operador, que controla nada mais nada menos que o FGTS, é ocupada por um interino desde maio do ano passado.

Aparentemente não há constrangimento que resista a tantas diretorias, subsidiá-

rias, superintendências, conselhos -milionários, aliás-, vice-presidências...

A confusão é tão grande que até o presidente da Caixa Asset foi dispensado em 13 de outubro e recontratado 14 dias depois. Para o mesmo cargo. As más-línguas dizem que conseguiram explicar melhor ao governo o padrinho. Ou arranjar outro.

Não bastasse os cargos, também dá para criar uma bet. As expectativas em torno da saída do PP e do União Brasil do governo nunca foram altas, mas ainda assim surpreende tamanha cara de pau. Desse jeito, parece que o bom mesmo é ser oposição.

*Repórter em Brasília. Antes, na Rádio CBN. É formada em jornalismo pela Universidade de Brasília

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

HÁ 95 ANOS: NOVO GOVERNO É RECONHECIDO PELO MUNDO

As principais notícias do Correio da Manhã em 4 de novembro em 1930 foram: Novo governo brasileiro já foi reconhecido por vários

países da Europa e da América. Juarez Távora voltará ao Norte de onde regressará, provavelmente, depois de reorganizar todos os estados que ele

libertou. STF nega habeas corpus impetrado por Washington Luiz. Epitácio Pessoa repensa em volta ao Brasil depois do novo governo.

HÁ 75 ANOS: TROPAS DA ONU SOFREM REVÉS NA COREIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 4 de novembro em 1950 foram: Tropas da ONU sofrem forte revés pelas tropas nor-

te-coreanas. Laokay é abandonada pelos franceses. ONU aprova o plano de ação conjungada em favor da paz. Fugiu de Lhasa o Dalai Lama.

Resultados do TSE mostram Vargas com 3,6 milhões de votos, Eduardo Gomes com 2,2 milhões e Cristiano Machado com 1,6 milhão.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)

Paulo Bittencourt (1929-1963)

Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Iye Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro,

Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadrado 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 7736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.